ESPOROTRICOSE FELINA NO BRASIL – REVISÃO DE LITERATURA

Jaqueline GEMBAROWSKI; Maria Fernanda Storrer da SILVA

Palavras Chaves: Complexo *Sporothrix schenckii,* esporotricose, zoonose

Esporotricose é uma micose subcutânea, de caráter zoonótico, causada por um fungo dimórfico do Complexo *Sporothrix schenckii* (SANCHOTENE et al., 2015). Os gatos são os mais acometidos (RODRIGUES et al., 2020), porém, todos os mamíferos podem ser infectados, inclusive os humanos (LARSSON, 2011). O Complexo *S. schencki* possui distribuição cosmopolita e, atualmente, é considerada endêmica na América Latina (PEREIRA et al., 2014). No Brasil, houve um crescimento exponencial de casos nos últimos anos (GREMIÃO et al., 2021). As principais espécies presentes no país são *S. schenkii stricto sensu* e *S. brasiliensis*, sendo esta última a mais virulenta (RODRIGUES; DE HOOG; DE CAMARGO, 2016). A principal forma de transmissão no Brasil é a zoonótica, na qual os felinos participam ativamente através da inoculação traumática (arranhões e mordidas) ou pelo contato direto com exsudato de feridas (GREMIÃO et al., 2015; RODRIGUES et al., 2020). A transmissão também pode ocorrer de animal para animal e de forma sapronótica, através do contato direto do homem com solo e matéria orgânica contaminada. O *S. schenkii stricto sensu* está mais associado aos casos sapronóticos, enquanto o *S. brasiliensis* está mais associado a casos zoonóticos e animal-animal (RODRIGUES et al., 2016). Além disso, o *S. brasiliensis* apresenta maior termotolerância (RODRIGUES et al., 2013) e menor susceptibilidade à classe azol de antifúngicos (ISHIDA et al., 2015). Em gatos, a doença pode ocorrer na forma cutânea localizada, linfocutânea e cutânea disseminada (LLORET et al., 2013), sendo que, nos felinos, a cutânea é mais comum (NAKASU et al., 2020). Estas lesões tendem a se localizar na cabeça, principalmente em orelhas e nariz, e nos membros (MADRID et al., 2012). Caracterizam-se por feridas que ulceram centralmente, apresentam secreção serosanguinolenta e purulenta, que podem evoluir para áreas necróticas e com presença de crostas. Também podem apresentar linfadenites, linfangite nodular ascendente e lesões em mucosas (MADRID et al., 2012; LLORET et al., 2013). Embora os sinais dermatológicos sejam mais comuns, sinais respiratórios como espirros, secreção seromucosa e dispneia também podem ocorrer (MADRID et al., 2012), além de anorexia, letargia, apatia, desidratação e febre (LLORET et al., 2013). Para o diagnóstico, o padrão ouro é o teste micológico baseado na cultura e isolamento do fungo, porém, também pode ser realizado exame citopatológico, histopatológico, imuno-histoquímica e PCR. Recentemente um teste sorológico rápido também foi desenvolvido (GREMIÃO et al., 2021). O tratamento convencional é realizado com itraconazol (GREMIÃO et al., 2015), no entanto, atualmente o *S. brasiliensis* tem apresentado resistência a este fármaco (WALLER et al., 2020). Outras opções terapêuticas para esporotricose incluem fluconazol, cetoconazol (LLORET et al., 2013), iodeto de potássio (REIS et al., 2012), terbinafina (LLORET et al., 2013) e terapias adjuvantes como imunomodulador (FORNALI et al., 2021), termoterapia (HONSE et al., 2010), criocirurgia (SOUZA et al., 2016), excisão cirúrgica da lesão (GREMIÃO et al., 2006), dentre outras. Assim, considerando a gravidade da doença associada à resistência antifúngica e ao aumento expressivo de casos, faz-se necessário maior atenção à esta zoonose, tanto por parte dos órgãos públicos quanto por parte da comunidade científica.

Referências Bibliográficas:

FORLANI, Gustavo Soares et al. Thymomodulin in association with antifungal drugs in the therapy of cats with disseminated cutaneous sporotrichosis: a prospective study. **Ciência Rural**, v. 51, 2021.

GREMIÃO, Isabella Dib Ferreira et al. Tratamento cirúrgico associado à terapia antifúngica convencional na esporotricose felina. **Acta Scientiae Veterinariae**, v. 34, n. 2, p. 221-223, 2006.

GREMIÃO, Isabella DF et al. Feline sporotrichosis: epidemiological and clinical aspects. **Medical mycology,** v. 53, n. 1, p. 15-21, 2015.

GREMIÃO, Isabella Dib Ferreira et al. Guideline for the management of feline sporotrichosis caused by Sporothrix brasiliensis and literature revision. **Brazilian Journal of Microbiology**, v. 52, n. 1, p. 107-124, 2021.

HONSE, Carla O. et al. Use of local hyperthermia to treat sporotrichosis in a cat. **Veterinary Record**,2010.

ISHIDA, Kelly et al. Amphotericin B, alone or followed by itraconazole therapy, is effective in the control of experimental disseminated sporotrichosis by Sporothrix brasiliensis. **Medical mycology**, v. 53, n. 1, p. 34-41, 2015.

LARSSON, Carlos Eduardo. Esporotricose. **Brazilian Journal of Veterinary Research and Animal Science**, v. 48, n. 3, p. 250-259, 2011.

LLORET, Albert et al. Sporotrichosis in cats: ABCD guidelines on prevention and management. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v. 15, n. 7, p. 619-623, 2013.

MADRID, Isabel Martins et al. Epidemiological findings and laboratory evaluation of sporotrichosis: a description of 103 cases in cats and dogs in southern Brazil. **Mycopathologia**, v. 173, n. 4, p. 265-273, 2012.

NAKASU, Ceres Cristina Tempel et al. Feline sporotrichosis: a case series of itraconazole-resistant Sporothrix brasiliensis infection**. Brazilian Journal of Microbiology**, v. 52, n. 1, p. 163-171, 2021.

PEREIRA, Sandro Antonio et al. The epidemiological scenario of feline sporotrichosis in Rio de Janeiro, State of Rio de Janeiro, Brazil. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, [s. l.], v. 47, n. 3, p. 392–393, 2014.

SANCHOTENE, Karine Ortiz et al. Sporothrix brasiliensis outbreaks and the rapid emergence of feline sporotrichosis. **Mycoses**, v. 58, n. 11, p. 652-658, 2015.

DE SOUZA, Clarissa Pimentel et al. Cryosurgery in association with itraconazole for the treatment of feline sporotrichosis. **Journal of feline medicine and surgery**, v. 18, n. 2, p. 137-143, 2016.

REIS, Érica G. et al. Potassium iodide capsule treatment of feline sporotrichosis. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v. 14, n. 6, p. 399–404, 2012.

RODRIGUES, Anderson Messias et al. Phylogenetic analysis reveals a high prevalence of Sporothrix brasiliensis in feline sporotrichosis outbreaks. **PLoS neglected tropical diseases**, v. 7, n. 6, p. e2281, 2013.

RODRIGUES, Anderson Messias; DE HOOG, G. Sybren; DE CAMARGO, Zoilo Pires. Sporothrix species causing outbreaks in animals and humans driven by animal–animal transmission**. PLoS pathogens**, v. 12, n. 7, p. e1005638, 2016.

RODRIGUES, Anderson Messias et al. The threat of emerging and re-emerging pathogenic Sporothrix species. **Mycopathologia**, v. 185, n. 5, p. 813-842, 2020.

WALLER, Stefanie Bressan et al. Susceptibility and resistance of Sporothrix brasiliensis to branded and compounded itraconazole formulations. **Brazilian Journal of Microbiology**, v. 52, n. 1, p. 155-162, 2021.